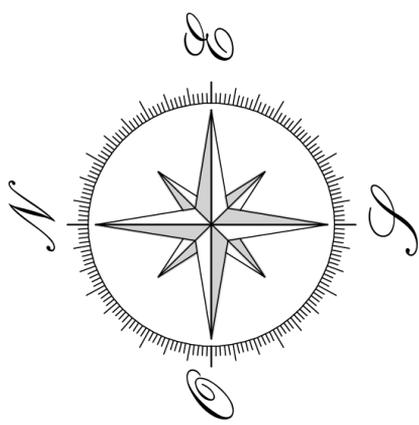


*À memória do Sr. Prof. José Hermano Saraiva,
que com as suas narrativas fascinantes me fez despertar para os encantos da História de Portugal.*

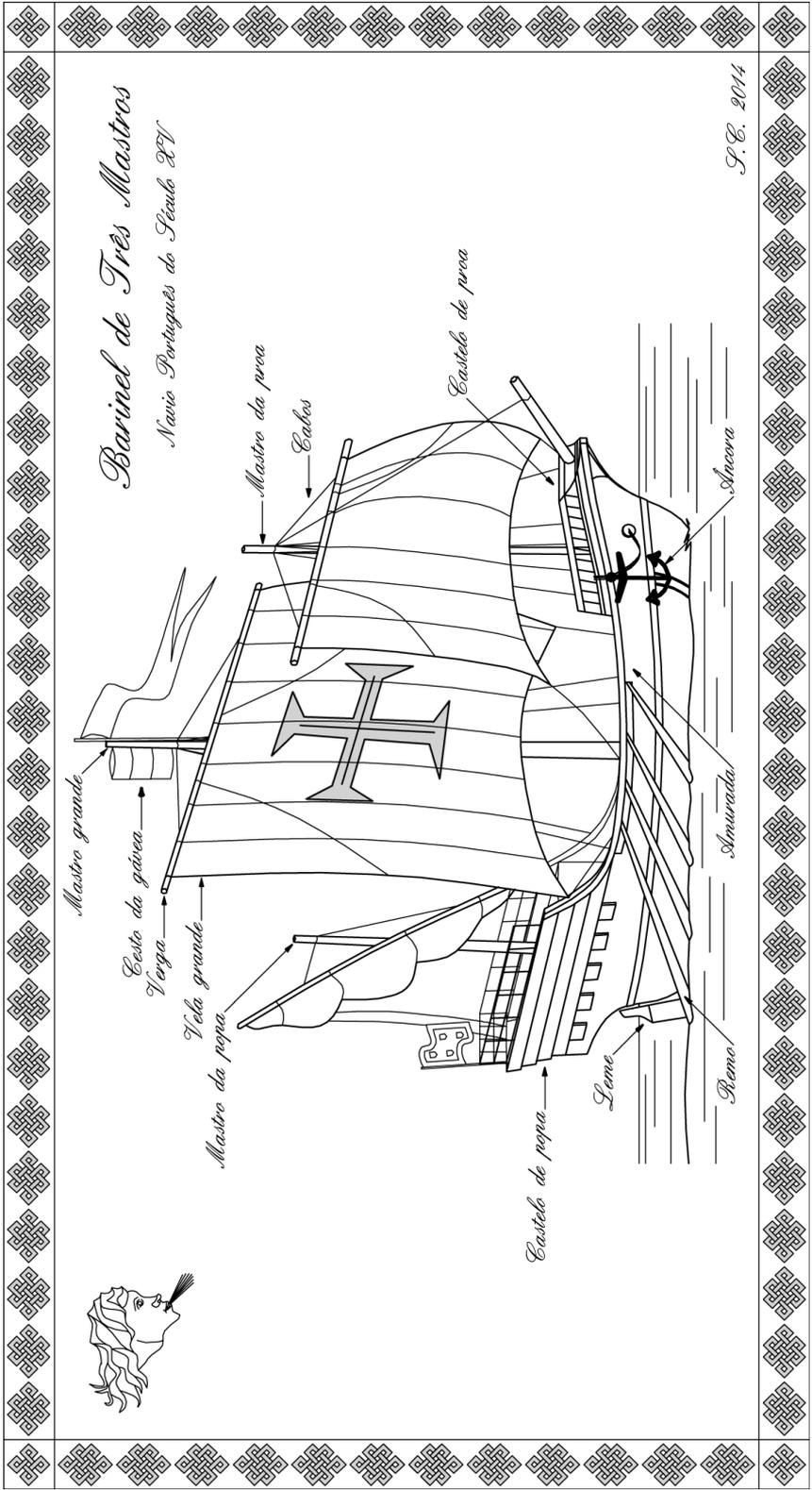
*E o meu muito obrigada:
À minha família, amigos e companheiros de
aventura, pelo seu apoio e carinho;
À Editorial Presença, por continuar a acreditar no meu sonho.*



Mapa
Crônicas da Terra e do Mar



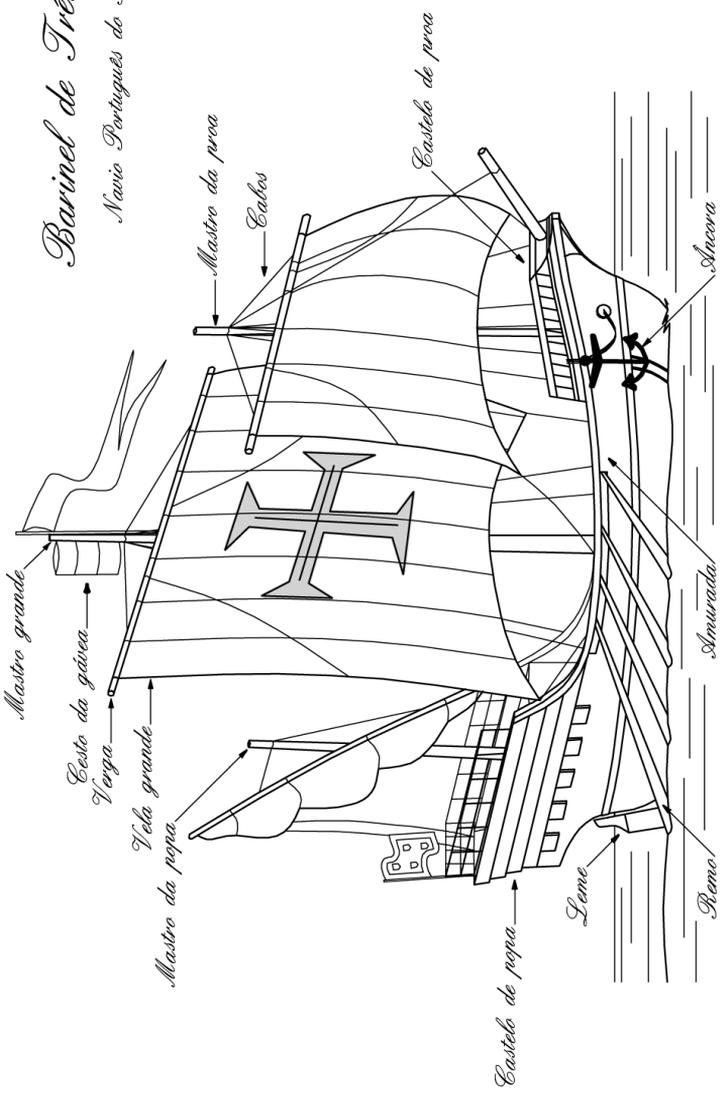
J. C. 2014



Barinel de Três Mastros

Navio Português do Século XVI

J. E. 2014



PRÓLOGO

Palacete da família Gonçalves Vaz,
lugar de Águas Santas, dezembro de 1433,
ano da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo

— Dorme descansada, meu amor. Que os anjos te abençoem com sonhos maravilhosos.

Constance Gonçalves Vaz ajeitou cuidadosamente a dobra de renda branca do lençol sobre a colcha cor-de-rosa que cobria a sua filha. Debruçou-se para beijar-lhe a testa mas, rápida como um relâmpago, a pequena Leonor sentou-se na cama. Sacudiu as ondas indomáveis dos seus lindos cabelos castanhos e replicou:

— Não tenho sono, mamã! Quero que me contes a história da princesa e do capitão!

O entusiasmo da voz infantil derreteu o coração de Constance. Por instantes, permitiu-se mergulhar no olhar da menina, fulgurante de expectativa sob a luz da vela, e deixar-se envolver pela lembrança de outro olhar exatamente igual: castanho-escuro, com uma auréola dourada em torno da pupila. De imediato, sentiu um aperto no ventre e o sangue a aquecer. Engoliu em seco, ciente de que não podia vacilar. Tinha de ser forte e conservar-se fiel à decisão que tomara... Pela sua família! Pela sua honra! Por Leonor!

— Mamã... — insistiu a petiza, entrelaçando os dedos nos seus para chamar-lhe a atenção. — Por favor!

Constance respirou fundo, enternecida. De cada vez que se embrenhava naquela narrativa, jurava que seria a última... Porém, que mal poderia advir do prazer de recordar o verdadeiro significado da palavra «felicidade», sob o véu inocente e colorido de uma história de encantar? Vencida pela súplica da filha, deitou-se ao seu lado, amimou-a contra o peito e começou, num tom baixo e rouco de emoção:

— Era uma vez dois reinos separados por um imenso mar, que por muitos anos estiveram em guerra...

— O Reino do Norte e o Reino do Sul — completou Leonor.

— Exatamente... O conflito que dividia o rei do Norte e o rei do Sul causava muito sofrimento aos seus povos. Por isso, como o rei do Norte tinha bom coração, resolveu convidar o rei do Sul a atravessar o mar e a visitar o seu palácio, a fim de se reconciliarem.

— Fala-me da princesa do Reino do Norte... Como é que ela era?

— A princesa tinha cabelos da cor do ouro e olhos tão azuis como o céu de verão...

— Era parecida contigo? — inquiriu a menina, como já se tornara habitual. E, do mesmo modo que sempre fazia, Constance refutou com firmeza:

— Não, meu amor. Era muito mais bonita!

Desta feita, Leonor abanou a cabeça com veemência e objetou:

— Não pode ser! Não existe mulher mais bonita do que tu!

A mãe sorriu com doçura e beijou-lhe a testa, antes de continuar:

— O rei do Norte gostava muito de ouvir a filha tocar harpa e cantar. Por isso, durante o banquete de receção ao convidado, pediu-lhe que os deliciasse com a sua música e a sua voz...

— E a princesa tocou e cantou melhor do que nunca!

— Sim, porque desejava agradar ao rei do Sul para que ele aceitasse fazer as pazes...

— Só que o rei do Sul apaixonou-se pela princesa e pediu para casar com ela...

— Queres ser tu a contar a história? — perguntou Constance, fingindo-se desgostosa.

Leonor susteve a respiração e fez beicinho, rogando num tom quase aflito:

— Não... Desculpa! Juro que não torno a interromper!

Foi recompensada quando a mãe prosseguiu gravemente:

— O rei do Norte amava a filha e não se dispunha a ceder. Todavia, ciente de que só assim o seu povo se libertaria dos horrores da guerra, a princesa decidiu sacrificar-se e assegurou ao pai que se casaria de boa vontade. O rei do Sul ficou tão feliz com aquela decisão que ditou que, a partir desse dia, os dois reinos seriam aliados. Depois partiu no seu barco, rumo a casa, dizendo que mandaria chamar a princesa mal se ultimassem os preparativos para o enlace.

Nesse ponto, Constance teve de fazer uma pausa para recobrar o fôlego e desatar o nó que se formava na sua garganta. Ao longo dos anos, fora aprendendo a sofrer as emoções que aquela narrativa inflamava... Porém, nessa noite estava a ser especialmente difícil controlar-se, talvez porque parte da realidade que a sua imaginação distorcera a aguardava, em carne e osso, no salão. No íntimo, sentia-se dividida entre a vontade de que a filha adormecesse depressa, para ouvir as novas que o recém-chegado trazia, e o receio de que estas lhe causassem uma dor insuperável. Ao constatar que Leonor já se agitava, impaciente, retomou a história:

— O prometido foi cumprido. Passado pouco tempo, um navio imponente chegou ao Reino do Norte para conduzir a princesa até ao Reino do Sul. Ela despediu-se do pai e do seu povo com o coração apertado, mas convicta de que estava a fazer o que era certo. A viagem que tinha pela frente seria demorada e cheia de perigos...

— Então, apareceram os piratas! — quase gritou Leonor na ânsia de avançar. — Raptaram a princesa e levaram-na para uma ilha deserta.

— Sim — anuiu a mãe, sem alento para debelar tamanha exaltação. — E exigiram três arcas carregadas de ouro em troca da sua vida.

— O rei do Sul concordou porque gostava muito da princesa...

— É verdade. Reuniu os melhores guerreiros do reino e enviou-os à ilha dos piratas, para pagarem o resgate. Contudo, mal viram o ouro, ao invés de libertarem a princesa, os bandidos propuseram aos homens do rei do Sul que se juntassem a eles e dividissem o tesouro. O seu navio passaria a fazer parte da frota de pilhagem e a princesa seria morta...

— Mas o capitão do rei do Sul era leal e valente, por isso não aceitou — perfez a menina, a arfar de contentamento. — Depois, os guerreiros e os piratas lutaram e lutaram...

Começou a imitar os gestos do confronto, como se estivesse a brandir uma espada. A mãe segurou-a e impôs que se aquietasse, antes de continuar:

— No fim, os guerreiros mataram os piratas e salvaram a princesa. O capitão recebeu uma ovação dos companheiros pela sua bravura. Era tempo de regressarem ao Reino do Sul...

— Só que, durante a viagem, a princesa apaixonou-se pelo capitão e o capitão pela princesa... Vá lá, mamã! Essa é a parte da história de que eu mais gosto!

O furor da petiza fez com que os olhos de Constance se enchessem de lágrimas. Sufocou-as a custo e condescendeu:

— A princesa estava tão feliz por ter escapado aos piratas que cantou para agradecer aos seus salvadores. Mal escutou a sua voz, o capitão ficou deslumbrado. Ajoelhou-se aos seus pés e jurou-lhe amor eterno. Ela deu-lhe a mão e foi como se as estrelas brilhassem só para os dois. Então, o capitão suplicou-lhe que não se casasse com o rei do Sul... Fugiriam para longe e seriam felizes para sempre! No entanto, a princesa sabia que isso não era possível...

— Porquê, mamã? — indagou Leonor, com a alegria a esvair-se do semblante. Apesar de já terem debatido imensas vezes aquela questão, não desistia, como se acalentasse a esperança de que o fim da história fosse alterado. Constance negou com a cabeça e volveu carinhosamente:

— Se ela fugisse com o capitão, o rei do Sul ficaria tão furioso que haveria de persegui-los até ao fim do mundo... E, quando os encontrasse, acusaria o capitão de traição e matá-lo-ia sem dó nem piedade!

— Talvez não os descobrisse... — principiou a menina a protestar, mas a mãe atalhou:

— Talvez! Mas ficaria tão cego de ódio que tornaria a declarar guerra ao Reino do Norte... E a princesa não seria feliz, sabendo que o seu povo sofria por sua causa.

— O capitão deve ter ficado muito triste — soluçou a petiza, quase a chorar.

— Ficou... Todavia, admitiu que a princesa tinha razão e levou-a até ao seu senhor, para que a combinação se cumprisse. O rei do Sul recebeu-os com uma grande festa...

— Pois... — interrompeu Leonor, afundando-se na cama como se dispensasse o resto da narrativa. — E acabou por se casar com a princesa.

— Durante os festejos, o capitão foi reconhecido como um herói — teimou Constance, desejosa de que a filha assimilasse a lição que queria ensinar-lhe. — Porém, ao invés de ficar na corte a desfrutar das recompensas que lhe foram oferecidas, decidiu regressar ao mar para experimentar novas aventuras.

— Pudera! — rabujou a menina. — Só iria sofrer, se ficasse a ver a princesa e o rei...

— Qual é a moral desta história, querida? — perseverou a mãe, contumaz. A filha virou a cabeça na almofada e amuou, mas concluiu num resmoneio contrafeito:

— Devemos cumprir sempre a nossa palavra...

— Exato! E não podemos construir a nossa alegria à custa do padecimento de outros, pois, se o fizermos, nunca seremos verdadeiramente felizes. A princesa e o capitão renunciaram ao seu amor para que os reinos do Norte e do Sul vivessem em paz...

— E achas que eles estão bem, afastados um do outro? — rebateu Leonor, amofinada. — Aposto que choram todos os dias, cheios de saudades!

Constance fixou a filha, assombrada e gelada por dentro, pois era a primeira vez que ela lhe redarguia com tamanha tenacidade. Isso provava que estava a crescer... Logo, aquela história jamais deveria ser repetida! Enfim, reuniu coragem para responder:

— Tenho a certeza de que eles se sentem confortados por terem contribuído para salvar muitos homens, mulheres e

crianças. Além disso, o rei do Sul era um bom homem... Com o tempo, a princesa pode ter aprendido a amá-lo! E, quem sabe, o capitão já não se deparou com uma bela sereia e deixou-se deslumbrar pelo seu canto?

— Não! — refutou a menina com afinco. — O capitão continua à espera que a princesa regresse aos seus braços! E, um dia, ela ainda há de voltar para ele... Vais ver!

Sem mais, puxou pela colcha e tapou a cabeça. O desassossego que a perturbara também a exaurira, por isso não tardou a adormecer. Constance levantou-se devagar para não a despertar, receosa de que as pernas lhe falhassem. Foi só ao soprar a vela que distinguiu a sombra que as observava pela porta entreaberta. Não permitira que Leonor se apercebesse da presença do homem que as visitava, mas ele não resistira a espreitá-las... E, apesar de contrariada com a sua indiscrição, Constance entendia e desculpava a sua curiosidade.

Quando saiu do quarto, não se admirou por ver o corredor deserto. Desceu as escadas que conduziam ao salão, envolta na luz bruxuleante das lanternas suspensas das paredes ornadas com painéis de madeira, pintados com flores rubras e douradas, enquanto a saia do vestido restolhava na passadeira garrida que forrava os degraus. A cada inspiração, o seu nervosismo aumentava e teve de se apoiar no corrimão para manter a postura devida.

O recém-chegado quedava-se onde ela o deixara, como se não se tivesse mexido. Levantou-se para recebê-la, com uma elegância que comprovava a sua educação esmerada. Rondava os quarenta anos e trajava com distinção: camisa de linho branca, enfeitada com folhos; calças e casaco de veludo verde-escuro, bordados a amarelo-ouro com as insígnias da sua família. A pele das suas botas estava tão lustrosa que cintilava sob as chamas das velas e candeias. Os fartos cabelos negros roçavam-lhe a gola, impecavelmente penteados tal como a barba pontiaguda que lhe adornava o rosto anguloso. Mas o que mais sobressaía nele eram os olhos, azuis profundos, capazes de, com um mero piscar, pôr um homem petrificado de terror e uma mulher consumida pela paixão... A senhora da casa já testemunhara ambas as coisas!

Quem o visse nesse aprumo nunca imaginaria os interesses que o ocupavam quando não estava a passear pelos jardins e galerias dos palácios d'el-rei, na companhia dos infantes de Portugal.

Num ápice, as lembranças tornaram a fustigá-la, acelerando-lhe a respiração. Divisou o seu visitante tão nitidamente como se o passado assimilasse o presente: os cabelos desgrenhados; as roupas rasgadas, cobertas de sangue; os dentes arreganhados e os olhos a chisparem de ódio, enquanto golpeava dois piratas com um único movimento da sua espada... Constance jamais se esqueceria de que Nuno Garcia lhe salvara a vida! Contudo, nesse instante a sua presença intimidava-a... Não porque receasse que ele pudesse ameaçar a sua integridade ou a sua honra! Apostava o sangue e a alma em como o homem diante de si em tempo algum a desrespeitaria... No entanto, seria capaz de deitar por terra, com um simples sopro, a fortaleza de gelo que ela tão arduamente construía em seu redor, de modo a suportar as provações impostas pelo juramento que fizera.

— Uma linda história, aquela que contaste à tua filha... Porém, se a memória não me falha, a princesa e o seu herói não passaram a viagem de mãos dadas, a observar as estrelas!

A voz poderosa e orgulhosamente jocosa arrastou Constance para a realidade. Encheu o peito de ar e forçou-se a reagir. Garcia nem se dava ao incómodo de esconder que estivera a espia-la! E que outra coisa seria de esperar? Lançou-lhe um olhar severo e ripostou:

— Leonor só tem quatro anos...

— E com quatro anos já faz perguntas que põe a mãe a gaguejar! — atalhou o homem com uma gargalhada fresca. Depois, não se coibiu de motejar em acesa provocação: — Deixa-me que te diga, Constance... Estou deveras magoado! Não esperava tamanha desconsideração da tua parte! Se bem me lembro «eu» fui o capitão daquele navio... E tive de me sujeitar a dormir ao relento para que tu e aquele fedelho pudessem «observar as estrelas» a partir do meu camarote! Seria de esperar que desempenhasse um papel de relevo nessa tua história... Porém, no fim, chego à conclusão de que, para além de despromovido, também fui «apagado» da narrativa!

Constance tentou em vão conter o riso. E, como por encanto, a sua inibição dissipou-se. Apesar de se referir explicitamente a um segredo que ela estava obrigada a guardar, Garcia tinha o poder de deixá-la alegre e descontraída... O poder de fazê-la sentir-se segura! Como se em resposta às suas cogitações, o sorriso dele tornou-se autêntico, tão carinhoso quanto a sua masculinidade permitia, ao inquirir com sincero desvelo:

— Afinal, como estás? Tenho-te mantido debaixo de olho, na medida do possível, e indagado acerca de ti sempre que posso fazê-lo sem levantar questões... Mas não é fácil!

A jovem entendia-o perfeitamente. Há cinco anos que Nuno Garcia comandara a expedição que a libertara e, desde então, tinham-se cruzado diversas vezes nas festas organizadas pela casa real. Porém, não conseguiam conversar. Sempre que tentavam aproximar-se, Gonçalves Vaz interpunha-se entre os dois e arrastava-a para longe. Certo dia, chegara mesmo a admoestá-la, proibindo-a de falar com Garcia como se já se tivesse esquecido de que fora ele que a resgatara... E Constance não estava em condições de contrariar o marido!

Viriato Gonçalves Vaz era tão conceituado que o próprio rei Dom João¹ fizera questão de ouvir os seus conselhos... Em contrapartida, Nuno Garcia sentava-se ao lado do infante Dom Henrique. À luz do dia, era um dos seus amigos mais chegados. Contudo, ao coberto da bruma, transformava-se em «Furão», o mais hábil e implacável dos seus corsários. Esse era um facto sigiloso, apenas do conhecimento das poucas consciências em que o infante confiava incondicionalmente e de mais um punhado de almas que, em desespero, tinham precisado de recorrer aos serviços do «melhor entre os melhores», como fora o caso de Gonçalves Vaz... Aquilo que não consistia segredo para ninguém era que, quer de noite quer de dia, qualquer mulher que dirigisse a palavra a Garcia ficava marcada como

¹ Dom João I, décimo rei de Portugal e primeiro da dinastia de Avis, cognominado *O de Boa Memória*. Casou com Dona Filipa de Lencastre, de quem teve oito filhos. Seis chegaram à idade adulta: Dom Duarte, Dom Pedro, Dom Henrique, Dona Isabel, Dom João e Dom Fernando.

sua amante. Se bem que, na maioria das vezes, a intriga acabava por corresponder inteiramente à verdade! Ciciavam as más línguas que Garcia nunca superara o desgosto de perder o seu amor de infância, a infanta Dona Isabel, que deixara Portugal para esposar um senhor da Flandres, Filipe, duque de Borgonha. Por isso, não se casara... E dedicava os seus lazeres a destruir os enlances alheios.

— Não ouses enganar-me, Constance — insistiu, ferino, ao vê-la absorta como se hesitante em responder. — Sabes que farejo uma mentira à distância! Se o «velho» não te respeita...

— Garcia, por favor! — cortou a jovem, receosa de que o seu tom alterado despertasse as atenções indesejadas de alguns criados mais zelosos que, rapidamente, fariam chegar ao seu senhor o anúncio daquele encontro clandestino. Respirou fundo para se acalmar e, tomando consciência de que ainda estavam de pé, convidou-o a acomodar-se num cadeirão. Sentou-se num canapé, diante dele, e enunciou: — Viriato é um homem bom, paciente e compreensivo... Nunca me faltou com nada e é extremamente carinhoso para com Leonor.

O visitante nem tentou reprimir a exclamação de despeito que lhe saltava dos lábios. Por sua vontade, o casamento de Constance com Gonçalves Vaz jamais se teria realizado, mesmo que a quebra do acordo firmado entre as duas famílias e as respetivas casas reais pudesse ter desencadeado um incidente diplomático entre os seus países. E, não obstante a jovem ter sido usada como moeda para saldar uma dívida, a principal razão por que Garcia reprovava tal enlace saltava à vista: ela mal fizera vinte anos, ao passo que o marido se aproximava dos sessenta.

— A tua menina não é filha de Gonçalves Vaz, pois não?

O coração de Constance sofreu um baque e as suas faces empalideceram. Por mais desabrido que Nuno Garcia pudesse ser, ela não imaginara que tivesse a desfaçatez de lhe colocar tal questão. Empinou o nariz e retorquiu, mostrando-se ultrajada:

— Como é que te atreves...?

— É ou não é, Constance?

— Não vou responder-te...

— Já respondeste!

Seguiu-se um silêncio cortante como a mais afiada das lâminas. Constance deu graças por estar sentada ou teria caído no chão. Tentou aguentar o olhar masculino, inflamado pela confirmação das suas suspeitas, mas era como se uma garra invisível a estivesse a estrangular. Na sua mente, uma voz bradava a urgência de contestá-lo... Mais, a imperiosidade de ordenar-lhe que se fosse embora! Contudo, ainda que tivesse forças para fazê-lo, a estima e a admiração que lhe dedicava impediam-na de confrontá-lo. Prodigiosamente, foi Garcia que acabou por desviar o rosto. Passou as mãos sobre a cabeça e respirou fundo, antes de voltar a encará-la e declarar numa voz cuidadosamente moderada:

— Sabes que as circunstâncias que nos uniram me enterreceram... Podes inventar o que quiseres à tua menina, mas a realidade é que tinhas acabado de perder os teus pais às mãos daqueles assassinos. Quando te peguei ao colo para te levar para o barinel², senti uma emoção muito forte... Foi como se os teus braços me marcassem, qual ferro em brasa, com a obrigação de te proteger! Como se te tivesses tornado minha filha!

Constance foi incapaz de sufocar um soluço. Porém, Garcia não se deteve, como se receasse perder a coragem:

— Também sabes que estimo Diogo como carne da minha carne... Ele contou-te como nos conhecemos? Está claro que não! É demasiado probo para se gabar dos seus feitos! Mas a luz ainda mal se esvaiu e imagino que não estejas com sono... Por isso, como esta é uma noite de histórias, dá-me o prazer de partilhar contigo uma que está alojada no meu coração.

Esse nome... O nome que teimava em enlouquecê-la no sigilo da noite! Diogo... Apenas Diogo! No tempo que haviam passado juntos, ele confidenciara-lhe que também era órfão, talvez com o intuito de confortá-la pelo facto de a jovem ter visto a família a ser degolada. Quis arguir, mas as suas forças esvaíram-se enquanto Garcia iniciava:

² Navio de maiores dimensões que a barca, anterior à caravela, usado pelos portugueses na época dos Descobrimentos. Possuía até três mastros, cesto da gávea, castelo de proa e podia ser movido a remos quando o vento não soprava de feição.

— Tudo aconteceu no verão de mil quatrocentos e quinze... Passaram-se mais de dezoito anos, mas recordo-me como se fosse hoje! Ultimavam-se os preparativos para a conquista de Ceuta... No dia quinze de julho, Henrique chegou a Lisboa com a armada que trouxera do Porto e eu acompanhei-o como sempre. Pedro reuniu-se ao irmão, mas más notícias aguardavam-nos. Dona Filipa de Lencastre, a nossa mui amada rainha, agonizava no Convento de Odivelas, vítima da peste que flagelava o nosso solo... Para lá nos dirigimos sem demora! Porém, três dias depois, a rainha faleceu. — A comoção toldou-lhe a voz e teve de inspirar fundo, antes de continuar: — O infortúnio de Dona Filipa resultou num enorme constrangimento para todos. Inclusive, o rei ponderou desistir da tomada de Ceuta. Contudo, tinha mais de duzentos navios a postos... Cancelar a expedição haveria de ser calamitoso para o reino!

Fez uma pausa e fechou os olhos, rememorando o caos que vivera. Constance aproveitou para recuperar o fôlego, adivinhando que a história ia complicar-se.

— Na altura — prosseguiu Garcia —, confirmei que o rei e os infantes são homens de carne e osso, que sofrem como os demais! Caídas as sombras do dia vinte e três, Henrique nada fazia além de chorar agarrado à espada que a mãe lhes oferecera, a ele e aos irmãos, antes de morrer. Percebi que necessitava urgentemente de desanuviar a cabeça e arrastei-o para longe da pressão que o oprimia. Nos muitos anos que convivemos, raramente o vi beber... Todavia, nessa noite percorremos as ruas e fizemos tudo aquilo que os jovens de sangue quente fazem. Já nos preparávamos para regressar ao palácio, quando fomos abordados por um bando de malfeitores, num beco escuro e imundo. Tinham-nos observado na última taberna onde havíamos entrado, por isso sabiam que as nossas bolsas estavam cheias. Apontaram-nos punhais...

— E não reconheceram o infante? — interferiu Constance, horrorizada.

— Não — ripostou Garcia, disfarçando um sorriso ao constatar que a tinha presa ao seu relato. — Quando quer, Henrique sabe misturar-se com o povo! No entanto, mesmo que o tivessem

identificado, não creio que recuassem. Não desejavam somente os nossos pertences... Queriam sangue! Eram cinco, cada um mais rufião do que o outro. Contudo, apesar de bêbados como cachos, conseguimos dar conta deles... Ou quase! Quatro já estavam no chão quando Henrique se desequilibrou. Caiu e o homem pulou sobre ele, determinado a enterrar-lhe um punhal no peito. Lancei-me em seu socorro e varei o cão com a minha espada. Porém, inesperadamente, senti uma lâmina rasgar-me a garganta...

Deixou a frase suspensa e os seus dedos afastaram a gola do casaco, entreabrindo os folhos da camisa. A pele do pescoço ficou exposta, vincada por uma cicatriz que, apesar de fina, poderia ter sido fatal. Constance soltou um gemido, ao verificar quão perto ele estivera da morte. O visitante sorriu meigamente perante a sua angústia e avançou:

— Afinal existia um sexto facínora, possivelmente o chefe da corja, que permanecera escondido até ver os companheiros prostrados. O que se seguiu foi mais rápido do que um raio! De repente, o miserável berrou e tombou para o lado. Fiquei livre, mas demasiado aturdido para me mexer, com as mãos a ampararem o sangue que se esvaía. Acreditei que chegara ao fim! Henrique acudiu-me; pressionou-me um lenço contra a garganta e certificou-se de que o golpe era superficial. Mais calmos, averiguámos o que acontecera. O meu atacante jazia com o crânio esmagado por uma pedra... Todavia, o meu salvador não fora um soldado da coroa, nem um cidadão valente e íntegro! Fora um pirralho franzino, sujo e esfarrapado...

— Diogo...? — arfou Constance, premendo o peito com as mãos, pois o seu coração batia com tanta força que ameaçava rasgá-lo.

Garcia tornou a sorrir e os seus olhos cintilaram de satisfação, ao escutar o ardor com que a jovem pronunciara o nome do seu protegido. Assentiu e esclareceu:

— Ainda não tinha seis anos, mas já distinguia o bem do mal. No meio da luta, as nossas bolsas tinham-se rompido. Havia dezenas de moedas espalhadas pelo chão... Vimo-lo apanhá-las e não o repreendemos, cientes de que as merecia. Contudo, uma

surpresa aguardava-nos! Qualquer outro gaiato maltrapilho e famélico teria arrebanhado quantas pudesse e fugido a sete pés... Mas não Diogo! Mal as reuniu, veio entregar-mas e suplicou: «*Um pedaço de pão, senhor, por amor de Deus!*» Por muitos anos que viva, jamais esquecerei o desespero na sua voz e o desalento no seu olhar, quando me estendeu a mão.

Incapaz de reprimir-se, Constance desatou a chorar. Garcia concedeu-lhe tempo para se recompor, antes de continuar:

— Henrique sugeriu que lhe déssemos as moedas, mas eu sabia que não lhe serviriam de nada. Prestes seria roubado, provavelmente morto! Insisti para que o levássemos para o palácio e assim foi. Interroguei-o e descobri que nunca conhecera o pai. A mãe falecera com a peste, no último inverno. Desde então, mendigava... Jurei-lhe que nunca mais sofreria a dor da fome nem a agonia de estar só no mundo. Dois dias depois, quando a armada partiu para Ceuta, entreguei-o ao cuidado de gente boa e de confiança, com a promessa de que voltaria para buscá-lo.

A sua voz fraquejou e teve de se deter. Após alguns fôlegos entrecortados, confessou gravemente:

— Enquanto estive longe, o garoto esfaimado que me salvara não me saiu do pensamento. A experiência afiançava-me que, confrontado com a disciplina que lhe seria exigida, não tardaria a escapular-se para as ruas. E a ideia de que nunca mais lhe poria a vista em cima apoquentava-me... Ansiava tanto por regressar a Lisboa que retirei fraco prazer da celebração da nossa vitória contra os mouros! Nem sequer fui capaz de desfrutar devidamente da alegria de Henrique, Pedro e Duarte, quando el-rei os armou cavaleiros na mesquita de Ceuta, recém-convertida em igreja, com a bela espada que a mãe lhes ofertara! Porém, no dia em que, enfim, fui liberado das minhas incumbências, regozijei ao constatar que os meus receios eram infundados. Diogo aguardara pacientemente! Estava quase irreconhecível, com mais um palmo de altura e carne sobre os ossos. Na minha ausência, aprendera a ler e a escrever. Faltava-lhe a prática no uso das armas... E foi assim que esse pirralho se entranhou na minha pele!

Constance estava mais tranquila, mas não se atrevia a encará-lo. Sabia qual fora o propósito de tão íntima partilha... Logo,

o bom senso e a prudência ordenavam-lhe que desse aquele encontro por terminado, antes que algo irreparável fosse dito ou feito. Todavia, era como se Nuno Garcia exalasse uma energia que a libertava de todas as inquietações! A forma como a fixava divergia do modo lascivo como mirava as demais mulheres. Era puramente fraternal, o que atestava a sinceridade das suas afirmações... Além disso, a sua proximidade, o som da sua voz, o brilho espontâneo do seu olhar lembravam-lhe dias de encantamento! Nem precisava de fechar os olhos para sentir as carícias do sol sobre a pele, o vento a brincar com os cabelos, o cheiro forte da maresia, o casco do barinel a oscilar ao sabor das ondas... a força dos braços de Diogo em redor da sua cintura, o calor dos lábios másculos no seu pescoço, o tremor que o percorrera quando declarara num sussurro ardente:

«Amo-te, Constance! Diz que também me amas e eu não permitirei que nos separem...»

Ergueu-se abruptamente e dirigiu-se à cómoda ornamentada onde o marido guardava os jarros de bebida com que obsequiava os convidados ilustres. Compôs as taças no tabuleiro, enquanto ponderava na melhor opção para o momento. Pessoalmente, carecia de algo bem forte...

— Malte³, por favor — solicitou Nuno Garcia nas suas costas.

Constance deu por si a sorrir, novamente assaltada por recordações, enquanto ripostava:

— O que te faz pensar que o meu marido tem uma bebida tão... «exótica» na sua coleção?

Garcia aceitou a provocação e retrucou:

— Porque homens como eu fazem-se ao mar em busca de tesouros, para que homens como o meu prezado infante possam oferecê-los a homens como o teu marido!

³ Fontes diversas dão conta da destilação de bebidas nas Terras Altas da Escócia, desde o século IV a. C. Em gaélico, o uísque designava-se *Uisge beatha*, a «Água da Vida». Existem documentos de 1494 sobre a sua destilação na Escócia, que comprovam a venda de malte para a produção de «*Aqua vitae*». Sendo comercializado em «grande escala» em finais do século XV, já estaria, no entanto, em meados desse século, ao alcance de corsários e piratas.

Desta feita, Constance não conteve o riso. Aproximou-se, serviu-o e contestou:

— Tu não és um mero caçador de tesouros... E até aposto que não trocavas a vida que levas por nenhuma outra!

Garcia recebeu a taça e retribuiu o sorriso, aquiescendo:

— Nisso, minha cara, estás inteiramente correta!

A jovem voltou a sentar-se e levou a sua taça aos lábios. Mais parecia que as gargalhadas que Diogo soltara, da primeira vez que ela bebera um trago de malte, lhe ribombavam dentro da cabeça. Na altura, acreditara que ia morrer, com a boca, a garganta e a barriga em chamas. Agora, emborcava o líquido dourado num ímpeto arrebatado, desejosa de que o calor ardente a distraísse do tormento da saudade que medrava e lhe devorava o coração. Quando tornou a abrir os olhos, Nuno Garcia observava-a com um sorriso complacente. Antes que retomasse o assunto que ela queria desesperadamente evitar, Constance decidiu indagar:

— E como vão as coisas pela corte? Apenas se passaram quatro meses desde que el-rei Dom João morreu... Imagino que os filhos ainda estejam abalados.

Garcia apreendeu o seu esforço e não a contrariou.

— Efetivamente. Mas o nascimento do pequeno Fernando⁴ elevou os ânimos... Duarte⁵ está radiante com o seu novo rebento! Além disso, já se encarregava da maior parte dos assuntos do reino... A subida ao trono mais não foi do que uma «concretização» da sua responsabilidade. — Hesitou, como se buscasse as melhores palavras para acrescentar: — Mesmo assim, os conselheiros do pai andam em seu redor como corvos em torno da carniça. Acreditam que, se conquistarem o seu apreço neste período mais emotivo, serão capazes de lhe vergar as costas e enfiar as mãos nos bolsos, de modo a que os seus traseiros obesos continuem a expelir ventosidades em cima de assentos almofadados... E mil perdões pela parte que toca ao teu marido, Constance! — ressalvou, embora com uma pitada de desdém.

⁴ Filho do rei Dom Duarte e irmão do futuro rei Dom Afonso V.

⁵ Dom Duarte, décimo primeiro rei de Portugal, cognominado *O Eloquentes*. Casou com Dona Leonor de Aragão, de quem teve nove filhos.

— Gonçalves Vaz é dos poucos que ainda consegue opinar com algum acerto.

A jovem engoliu em seco, deveras apreensiva com a notícia.

— Queres dizer que se aproximam tempos conturbados?

Ele acomodou-se melhor no cadeirão e objetou:

— Não te preocupes. Duarte é excepcionalmente inteligente, tem pulso firme e já assegurou a sua sucessão com dois varões. Além disso, desfruta do apoio dos irmãos... João e Fernando raramente saem do seu lado, Henrique mantém-se determinado em conquistar o mundo e Pedro está entusiasmado com a possibilidade de pôr em prática as ideias que lhe surgiram aquando da viagem que fez pela Europa, há cinco anos. Na altura, os conselheiros acharam-nas demasiado... «avançadas»! Se Duarte der ouvidos aos irmãos, decerto o seu reinado será recordado como um período de grande evolução e prosperidade! Estou a lembrar-me... Haverias de adorar o livro de Marco Polo, com que Pedro o presenteou após a sua memorável expedição! Descreve as aventuras vividas pelos mercadores venezianos nas suas viagens ao interior da China...

— Duvido que o meu marido me deixasse lê-lo — ripostou Constance, instintivamente. Mas logo se arrependeu, pois a réplica do visitante foi implacável:

— Mais uma prova de que o teu lugar não é aqui!

O silêncio que se seguiu poderia ser constrangedor, se Nuno Garcia não insistisse no tema que sabia apaixoná-la, confidenciando com uma descontração calculada, como se o reparo anterior não tivesse existido:

— Por falar em livros, Duarte está entusiasmadíssimo com o talento de Fernão Lopes. Consta que planeia encomendar-lhe a escrita de crónicas que relatem... — e empertigou-se para simular a altivez do seu amigo que se tornara rei — «as estórias dos reis que antigamente em Portugal foram, assim como os excelsos feitos do senhor meu pai, el-rei Dom João!»

Quando deu por si, Constance estava a gargalhar com a imitação. Garcia aproveitou para se levantar e tomar-lhe a taça das mãos.

— Permite que volte a servir-te... Como nos velhos tempos!

Ela soltou outra risada e replicou:

— Nos velhos tempos bebíamos de barris... — Mordeu a língua e mudou apressadamente de assunto: — E tu, o que tens feito?

Garcia devolveu-lhe a taça e sentou-se. Não respondeu de imediato, demora que a jovem adivinhou tratar-se de uma reflexão sobre a melhor maneira de abordar uma questão delicada. Por isso, prendeu o fôlego quando ele retorquiu:

— Estive afastado da agitação da corte durante algumas semanas. Só regresssei porque Henrique me mandou chamar. Continua empenhado na conquista da costa de África e incumbiu o nosso prezado Gil Eanes de passar o cabo Bojador.

— Mas isso não é impossível? — admirou-se Constance, provando que estava atenta às conversas de verdadeiro conteúdo que lhe chegavam aos ouvidos, ainda que isso desgostasse o marido, que preferia vê-la ocupada com a arte dos bordados.

A sua curiosidade divertiu Nuno Garcia, que rebateu, indulgente:

— A vida ensinou-me que não existem «impossíveis». Existem, sim, desafios tão difíceis de ultrapassar que, por vezes, a nossa mente e o nosso corpo falham na sua resolução. Dou-te um exemplo: os homens que viveram há muitos anos decerto achavam ser impossível atravessar um rio... E olha onde nós chegámos com os nossos barcos! Estou convicto de que, dentro de algumas gerações, as dificuldades que agora sentimos serão motivo de riso até para os gaiatos!

— Isso quer dizer que a empresa de Gil Eanes teve sucesso?

— Não. Falhou... — Ao vê-la esboçar um gesto vitorioso, fez-lhe sinal para que não o interrompesse. — Porém, retornou com o «saber» da experiência! Garante que o mar naquele lugar é extraordinariamente baixo. Existe uma barreira de recifes, as águas são revoltas e as correntes poderosíssimas...

— Pudera! Se for verdade que o mundo acaba algures...

A gargalhada de Nuno Garcia cortou-lhe a exposição.

— Não acreditas nisso, pois não, Constance? — contestou, trocista. Ao que ela revidou:

— Quantos navios e tripulações já se perderam nesse mar tenebroso? E aqueles que conseguiram voltar e se apresentaram

a el-rei, apavorados, com relatos de batalhas contra monstros terríficos e sanguinários?

— Se el-rei ou os infantes me incumbirem de uma missão e eu fracassar, por incompetência ou cobardia, crês que tornarei à sua presença, almejando reconquistar a sua graça, com uma admissão da minha inépcia? Ou regressarei de peito inchado, alegando que, não obstante ter avançado com grande bravura, fui confrontado com uma serpente gigante, com sete cabeças e três caudas, que surgiu da bruma a cuspir fogo e me impediu de alcançar o meu objetivo?

Como Constance não teve argumentos para alterar, Garcia prosseguiu:

— Gil Eanes ficou um pouco desmoralizado... Porém, Henrique já tratou de espevitá-lo! Ao sermão de incentivo que lhe pregou, ajuntou a promessa de uma choruda recompensa. Está confiante no sucesso da próxima tentativa e até já começou a planejar a viagem, para o ano! Ainda assim, quer que eu acompanhe Gil Eanes... Aparentemente, para o meu estimado infante, sou uma espécie de amuleto de boa sorte que tudo supera!

— E, obviamente, vais aceitar o desafio! — exclamou a jovem, convicta de que o homem à sua frente jamais perderia a oportunidade de viver tamanha aventura.

— Não... Não vou.

A seriedade da refutação arrepiou-a. Perplexa, viu-o esvaziar a taça de malte e quedar-se a fixá-la. Intuiu que algo de extrema gravidade ia ser revelado e entaramelou o seu nome, a tremer. Enfim, Garcia decidiu-se a enunciar:

— Pela primeira vez, desde que me conheço, disse que não a Henrique... E ele aceitou as justificações para a minha recusa.

— Mas, porquê...?

— Vou deixar a corte, Constance... — Perante a expressão horrorizada que se formava no rosto feminino, dirigiu-se ao canapé e sentou-se ao seu lado. Segurou-lhe as mãos, prendeu-lhe o olhar e, só depois, declarou: — Como te disse, esta é uma noite de histórias... E eu suplico que escutes com atenção aquela que contarei a seguir, porque poderá mudar a tua vida.

— Estás a assustar-me!

— Não é essa a minha intenção! Pelo contrário... Já ouviste falar nas novas ilhas descobertas pela coroa? Aquelas às quais chamaram «Açores»?

A jovem começou a arfar enquanto tartamudeava:

— A... Açores⁶...?

— São pássaros parecidos com águias.

— Eu sei! Mas... Não é esse o nome que os marinheiros...?

— Chamam ao Diogo? — completou Garcia, triunfante, como se estivesse a conduzir o seu raciocínio. — É! E a razão para lhe atribuírem essa alcunha, que já se colou à sua pele, está ligada a essas ilhas.

Constance cerrou os dentes para que não tinissem. Sentia o passado a desabar sobre a sua cabeça e não tinha como escapar! Diogo... Açor... «*Diz que me amas e eu não permitirei que nos separem!*» Teria ele mantido a sua promessa, se ela tivesse quebrado o seu compromisso?

— Durante anos, chegaram até nós testemunhos de marinheiros que juravam ter avistado colunas de fumo a brotarem do meio do mar. Alvitravam que, para lá das rotas dos navios, os céus eram feitos de cinza e as águas fervilhavam como se labaredas ardessem debaixo delas. Para essas mentes apavoradas a conclusão era óbvia: existia por ali uma entrada para o Inferno.

Nuno Garcia fez uma pausa, assegurando-se de que recebia a devida atenção. Depois, ante a súplica no olhar celeste, elucidou:

— Henrique é um homem de fé, mas também de ciência. Rodeou-se de mentes brilhantes para debater esses factos e, prestes, chegaram à conclusão de que tais fenómenos poderiam ter origem num vulcão... E onde existia um vulcão devia haver terra! Em pouco tempo, um navio estava pronto para partir em busca do dito lugar.

⁶ Açor, *Accipiter gentilis* — ave de rapina da família das águias, que habita em florestas e bosques. Este poderoso predador consegue matar presas tão grandes como faisões, coelhos e lebres. O seu tamanho varia entre os 51 cm e os 66 cm e pode ter 1,20 m de envergadura, sendo utilizado com frequência em falcoaria.

— Tu participaste nessa expedição? — indagou Constance, inflamada de curiosidade.

— Não. Nem nas muitas que se seguiram, todas vãs. Por mais voltas que os navios dessem, só avistavam o mar infundável. Corria o ano de mil quatrocentos e vinte e sete quando, no regresso de uma missão, me deparei com Henrique rubro de fúria, a bater com o punho na mesa. Acabara de autorizar uma nova viagem de exploração... Mas seria a última, garantiu-me. Os homens e os recursos aplicados na procura da terra misteriosa eram-lhe necessários para outros empreendimentos. Ao vê-lo tão exasperado, decidi intervir. A barca prestes a partir ia ser pilotada por um tal de Diogo de Silves, que eu não conhecia. Por ordem de Henrique, chamei Diogo e alguns dos meus melhores homens e juntámo-nos à tripulação.

A partir daí, Garcia acelerou a narrativa. Tal como as demais campanhas falhadas, também eles tinham vagueado sobre as ondas, durante dias, até os mantimentos escassearem. Quando o capitão opinara ser melhor desistir, antes que os marinheiros tombassem moribundos, Garcia fora forçado a concordar. Porém, Diogo opusera-se... Afiançava que vira uma ave. O capitão insinuou que ele delirava, mas o jovem não se demovera. Pedira que continuassem até ao cair da noite, na direção que indicara. O seu mentor acabara por apoiá-lo e, talvez por saber que estava perante um dos homens fortes do infante Dom Henrique, Diogo de Silves anuíra.

A barca avançara mar adentro, com Diogo à proa. A luz já se esvaía e o capitão preparava-se para impor a sua vontade, quando o jovem gritara: «*Açores! Açores! Ali... Não vedes?*»

A tripulação juntara-se na amurada, mas ninguém enxergara uma pena. Diogo de Silves já rosnava ao ouvido de Garcia, quando o marinheiro de vigia no cesto da gávea desatara a clamar: «*Pássaros! Sim, são açores...*» E, enquanto o caos se instalava no navio, o expectado brado finalmente soou: «*Terra à vista! É... É uma ilha! Uma ilha!*»

A festa não tardara. Todos estavam radiantes! Alguém gracejou sobre a ilha ser tão remota que só mesmo os açores, com o seu olhar aguçado, poderiam tê-la lobrigado. Então, o capitão

batera nas costas de Diogo e proclamara: «*Se os açores têm o olhar afilado, este nosso amigo tem um olhar de açor! Se não fosse ele, já estaríamos a caminho de casa com as mãos vazias.*»

Concluída a campanha, o navio dirigiu-se ao porto de Lisboa. Diogo, o jovem que Nuno Garcia recolhera das ruas e a quem já se atribuíam numerosos feitos, era o herói do momento. Agora, os companheiros chamavam-lhe Diogo, *o Açor*. E fora esse o nome que chegara aos ouvidos da corte, juntamente com a notícia da descoberta não de uma, mas de duas novas ilhas.

Nesse ponto da história, Garcia soltou as mãos de Constance, levantou-se do canapé e marchou em círculos pelo salão, como se profundamente incomodado. E a jovem não tardou a compreender porquê, quando ele mastigou com amargor:

— Sabes como eu e os meus homens somos... Quando celebramos, celebramos a sério! E, enquanto nós comemorávamos, outros corriam à presença d'el-rei para reclamar aquilo a que, moralmente, não tinham direito. No dia em que Diogo e eu chegámos à corte, já estava tudo escrito. As novas ilhas chamavam-se «Açores», devido à história que envolvia o seu achado. E o homem que as encontrara chamava-se Diogo... Diogo de Silves!

— O quê? — balbuciou Constance, horrorizada. — Não... Não é justo!

— Foi o que pensei! Por isso, solicitei uma audiência com Henrique para esclarecer a questão. Todavia, entre nós interpôs-se um homem... Tomás Rebelo de seu nome. Eu nunca o vira. No entanto, Henrique conhecia-o... Conhecia-o bem de mais!

Quando Nuno Garcia tentara expor a sua razão, Tomás Rebelo confrontara-o, firmando que o caso estava encerrado, pois el-rei Dom João já reconhecera a conquista das ilhas dos Açores pelo piloto Diogo de Silves. A sós com o infante, Garcia desabafara a sua indignação:

«*Quem é aquele imbecil? E com que direito fala em nome d'el-rei à tua frente, sobre assuntos que te concernem?*»

Dom Henrique erguera o queixo, enchera o peito e ripostara secamente: «*Tomás Rebelo é a nova voz que oferece conselhos a el-rei... E o meu pai escuta-o com atenção!*» Fizera uma pausa para serenar

o ânimo e prosseguira com severidade: «Faz quatro dias que o nome “Diogo, o Açor”, chegou até nós, ligado ao descobrimento das ilhas que há tanto eu buscava. Quando Diogo de Silves, o piloto do navio encarregado da empresa, surgiu diante de mim e perante toda a corte a anunciar o sucesso da expedição, que razões haveria eu de ter para questionar a legitimidade do seu direito a ser louvado e recompensado? Como poderia adivinhar que fora outro Diogo — o teu Diogo — quem avistara as benditas ilhas?»

O modo como o infante apontara a ligação de Diogo a Garcia fizera-o bufar, exasperado:

«Duvidas da minha palavra, Henrique? Achas que estou a forjar um ardil para favorecer o “meu” Diogo? Pois porei à tua frente duas dezenas de homens que testemunharão a meu favor...»

«De que me servirá isso, quando está tudo oficializado, Nuno?», atalhara o infante, enrubescendo de fúria. «Devias era ter vindo à minha presença mal desembarcaste, para que tais equívocos jamais se tivessem concretizado! Por onde andaste todo este tempo? Não respondas! Sei perfeitamente! Assim como Tomás Rebelo também sabe... Foi por sua indicação que eu entreguei a responsabilidade desta empresa a Diogo de Silves. Se, neste momento, chegarmos diante d’el-rei com a tua história, Tomás Rebelo arguirá que, mesmo que seja verdade que tenha sido o “teu” Diogo o primeiro homem a avistar as ilhas, era o “seu” Diogo que pilotava o navio. Logo, a glória pertence-lhe. Qualquer alegação apresentada a seguir, será sempre arrasada com o argumento de que, seguindo essa lógica, teríamos de começar a atribuir os louros da descoberta de novas terras ao marinheiro que, no instante crucial, se encontra de vigia no cesto da gávea. E toda a corte acabaria a rir-se de ti... E de mim, por ter-te deixado falar!»

«Quer dizer que não farás nada para corrigir esta injustiça?», insurgira-se Garcia. Ao que o infante retrucara:

«Teria feito, se a tua reclamação chegasse em simultâneo com a de Diogo de Silves. Agora é tarde!»

«Então, vais admitir que o ordinário do Tomás Rebelo se fique a rir de mim?»

«Basta! Estás proibido de te referires a Tomás Rebelo nesses termos!»

A veemência gélida do corte deixara Garcia petrificado. Atordoado, apenas tartamudara:

«Eu sou teu amigo, Henrique... Sempre te fui fiel! Como podes aviltar-me...?»

«Não estou a aviltar-te, Nuno!», contestara o infante. «Estou a proteger-te! É verdade que és meu amigo... E mui estimado! Porém, antes dos amigos de qualquer homem, nobre ou plebeu, estão el-rei e aqueles que com ele partilham o sangue.»

— Não estou a compreender... — murmurou Constance, a tremer sem controlo.

Nuno Garcia deteve-se no meio do salão, com os punhos cerrados, a testa coberta de suor e a respirar aos borbotões, tamanha a violência da comoção que tais memórias desencadeavam. Por fim, soprou o ar e acalmou-se o suficiente para esclarecer:

— Henrique nunca mo confirmou por palavras, mas é óbvio... Tomás Rebelo é seu meio-irmão! Mais um bastardo d'el-rei Dom João, educado no estrangeiro e trazido para a corte a fim de ser obsequiado com mil favores para evitar outro escândalo no seio da família.

Constance sentia a cabeça a latejar e as entranhas enodadas, perante a gravidade da questão. Levou a mão à face para limpar uma lágrima, enquanto inquiria:

— E Diogo...? Como foi que reagiu a tamanha iniquidade?

Garcia sacudiu os ombros, esboçou um sorriso triste e volveu:

— Com indiferença... Ainda se zangou por eu ter altercado com Henrique por sua causa! Para ele, o reconhecimento, a confiança e a amizade daqueles que navegavam e combatiam ao nosso lado eram as melhores recompensas. A alcunha de «Açor» já ninguém lha tirava! Fez-me ver que não almejava louvores nem terras onde criar raízes... Queria era mais aventuras!

Constance não pôde deixar de sorrir. Sim, esse era o Diogo que ela conhecera e por quem se apaixonara: um homem simples e sincero que, tal como já fora enunciado, não se vangloriava dos seus feitos. Lembrava-se da sua resposta quando lhe perguntara porque é que os companheiros lhe chamavam Açor. *«Não é por nada de extraordinário!»*, ripostara com um sorriso terno, acariciando-lhe os cabelos. *«Dizem que tenho o olhar aguçado como os açores... Da mesma forma que eu poderia chamar-te “rouxinol” porque cantas divinamente!»*

Garcia voltara a servir-se de malte. Sentou-se pesadamente no cadeirão e prosseguiu:

— Apesar de tudo, a atitude de Henrique feriu-me. No entanto, mantive-me ao seu lado em nome da estima que lhe dedico. Aquando do teu rapto, foi a mim que ele recorreu. Ciente de que eu estava contundido, lamentou o que acontecera. Finalmente tinha oportunidade de me recompensar. Já falara com el-rei e obtivera permissão para me conceder um pedaço de terra, caso te resgatássemos sã e salva. Foi assim que, nesse mesmo dia, eu e os meus homens partimos para te libertar.

Quedaram-se um momento em silêncio, revivendo as lembranças dos dias que tinham partilhado. Constance baixou o rosto, pois sabia que a história se aproximava da conclusão e inquietava-se ao imaginar o que faltava revelar. Sobressaltou-se quando Garcia a interrogou:

— O que sabes sobre o que sucedeu a Diogo, após decidires cumprir o teu compromisso?

— Pouca coisa — respondeu ela, tentando clarear a voz. — Ou melhor, nada! Mas Viriato garantiu-me que os meus salvadores tinham sido devidamente recompensados. E como continuei a ver-te na corte, sosseguei o coração com a certeza de que Diogo se conformara e seguira com a sua vida... — Perante as rugas que se acentuavam na testa do homem, um calafrio percorreu-a. Começou a tremer e a respirar com dificuldade, enquanto gaguejava: — O que foi...? Diogo está bem, não está?

Garcia bebeu o malte de um só trago, pousou a taça com mais força do que seria necessário e fixou-a com o sobrolho franzido, antes de expor:

— Quando procurei por Henrique, após ter-te entregado na corte, fui travado por Tomás Rebelo. O cão tinha nas mãos um documento que, ao invés de me doar as terras que me haviam sido prometidas, me elegia como donatário do território que ainda viesse a ser descoberto para lá das ilhas dos Açores que tínhamos avistado.

— O quê? — quase gritou Constance, tamanho o choque. — Recusaram-te as terras...?

— Só me concediam o direito de explorar e administrar, para proveito da coroa, claro está, uma terra que, provavelmente, nem sequer existe.

A ira afogueou as faces da jovem, deixando-a tão transtornada que foi incapaz de proferir uma palavra. E Garcia resmungou:

— Naquele instante, mil coisas passaram-me pela cabeça... Inclusive, questionei-me se podia confiar em Henrique! Fiquei tão desorientado que aceitei a proposta do aleivoso. Afinal, o direito de administrar uma terra por descobrir assomava-se melhor do que nada! Se Henrique me incumbisse de avançar com a exploração dos mares, naquela zona, talvez me deparasse com um novo pedaço de terra que pudesse legar a Diogo. — Suspirou antes de divulgar: — Porém, Diogo ficou possesso! Tinha acabado de te perder e a raiva queimava-lhe o sangue ao ver-me ludibriado. Nem sei como o impedi de degolar Tomás Rebelo! Execrou Henrique... Amaldiçoou o rei! E suplicou-me que deixássemos tudo para trás. Possuíamos a lealdade dos homens e os meios que nos permitiriam fazer, para nosso proveito, aquilo que já fazíamos para benefício da coroa... Sabes ao que me refiro, não sabes, Constance?

— Queria que vos tornásseis piratas — gemeu a jovem, tonta e nauseada.

— Sim... Juro que tentei acalmá-lo! Prometi falar com Henrique e exigir-lhe, em nome da nossa amizade, que corrigisse o mal que fora feito, nem que, para tal, tivesse de passar por cima de Tomás Rebelo. Regressei à corte... E, efetivamente, consegui uma audiência com Henrique. Ele estivera ausente e não tomara parte, nem sequer tivera conhecimento, dos ardis que o infame perpetrara nas suas costas. Acho que nunca o vi tão iracundo! Afinal, era a sua palavra que estava em causa! Carregou sobre Tomás Rebelo, qual touro enfurecido... Posso dizer-te que, desse dia em diante, a influência do ardiloso junto d'el-rei caiu mais rápido do que um pedregulho a despenhar-se no mar. O documento que eu recebera foi revogado e substituído pela doação que Henrique me prometera.

— Então, está tudo bem! — exclamou Constance, quase a desfalecer de alívio.

— Não... Os dias que passei na corte foram fatais! Algo se alterou na cabeça de Diogo... E no seu coração! Quando voltei para junto dele, não o encontrei. Fiquei à sua espera, achando que saíra sem rumo para arrefecer a ira... Esperei em vão! Mais tarde, descobri que ele veio até aqui, em segredo, para assistir ao teu casamento. Expectou, até ao derradeiro instante, por um milagre que te fizesse regressar aos seus braços. Perdida a esperança, reuniu quantos homens quiseram segui-lo e dirigiu-se para sul. Chegado a Silves, talvez porque o rancor que o cegava reclamava tal ironia, apresou um barinel da marinha real e desapareceu sem deixar rasto.

Mais uma vez, a jovem foi incapaz de conter as lágrimas. E, desta feita, Garcia não resistiu a aconchegá-la nos seus braços. Completamente esquecida da possibilidade de algum criado a surpreender naquele destempero, Constance estreitou-o com quanta força lhe restava e chorou compulsivamente. Quando recuperou a voz, soluçou desesperada:

— Por favor, diz-me que já tiveste novas dele...

Nuno Garcia embalou-a pacientemente, permitindo que se acalmasse antes de retorquir:

— Durante muito tempo, fiz tudo para apanhar-lhe o rasto. Por fim, recebi a informação de que fora visto nas costas de África e que, de facto, se dedicava à pirataria. Tomei providências para achar o homem de quem me tinham falado, mas, quando o alcancei, não era Diogo. Nesse dia, acreditei que o perdera para sempre... Ainda que estivesse vivo, o ódio que o corroía decerto já destruíra o rapaz puro que eu tanto estimava. Que outra explicação podia haver para não me fazer chegar uma mensagem, quando sabia da minha preocupação?

Enfim, Constance refreou o pranto, mas Garcia manteve-a amparada enquanto dizia:

— Há dois anos, o meu bom amigo Gonçalo Velho, comendador da Ordem de Cristo, convidou-me a acompanhá-lo na expedição que tinha por objetivo confirmar a existência das ilhas dos Açores. Anuí em ajudá-lo, ciente de que não podia continuar à espera que Diogo se dignasse a dar notícias. A empresa foi um sucesso! A uma das ilhas chamou-se Santa Maria; à outra, São

Miguel... Os seus solos são ásperos e não há muita gente disposta a ir viver para tão longe da civilização. No entanto, já se deu início à colonização da ilha de Santa Maria, por não existir nela vestígios de atividade vulcânica.

Deteve-se e sorriu, ao ver a impaciência fulgurar no olhar de Constance. Ela aproveitou a pausa para interpelá-lo, pois, nesse instante, a última coisa que lhe interessava era ouvir falar das ilhas que tinham determinado a perdição do homem que amava:

— Quer dizer que ignoras o paradeiro de Diogo? Nem sequer sabes se está vivo?

— Findas as andanças de que te falei, tornei a Lisboa... E encontrei Diogo à minha espera.

A jovem alvoroçou-se e começou a titubear súplicas, urgindo que ele a elucidasse sobre o que acontecera ao protegido. Garcia conteve a sua exaltação e ripostou sobriamente:

— Falámos sobre o que sucedeu desde que nos apartámos e tudo foi esclarecido... Diogo está diferente! Tornou-se um homem independente e de vontade férrea. Já não precisa do meu apoio... Mas deseja-o! E, quando mo declarou, quaisquer ressentimentos que pudesse guardar-lhe pelas angústias que a sua ausência e o seu silêncio me provocaram, dissiparam-se. Pediu-me que o acompanhasse até ao lugar onde se estabeleceu e eu aceitei. Estou cansado das intrigas da corte... E o meu infante já não precisa de mim! Outros mais novos e vigorosos hão de abraçar, com igual empenho e lealdade, as missões que, outrora, a coroa me destinava. Preparávamo-nos para partir quando Henrique me convocou. A corte está em Leiria, por isso a viagem foi longa... Deu-me tempo para idear uma forma de obter o indulto de Diogo. Já te contei o que Henrique pretendia e o desfecho da nossa conversa. Falta-me acrescentar que reuni com Duarte... com el-rei — tenho de me habituar a tratá-lo assim! — e, por sua ordem, o Açor voltou a ser um homem sem mácula.

Constance retraiu-se ao ouvi-lo utilizar a alcunha de Diogo, pois depreendeu que intentava sacudir-lhe a consciência. E Nuno Garcia deixou-se de rodeios:

— Agora que a nossa noite de histórias se aproxima do fim, rogo-te que ponderes na decisão que tomaste. Tu casaste com um homem que não amas! Um homem que reprime o teu intelecto e controla todos os teus passos...

— Dei a minha palavra aos meus pais!

— Os teus pais estão mortos! Lamento se soo cruel, mas essa fatalidade é incontornável! Eles negociaram o teu casamento... Venderam-te a um homem que tem idade para ser teu avô! Por acaso, Gonçalves Vaz sabe que Leonor não é sua filha?

Constance engoliu em seco e baixou o rosto. Ciente do abalo que causara, Garcia afincou:

— Diogo ama-te... E acredito que jamais te esquecerá! Durante a nossa viagem, fiquei satisfeito por ver a vossa paixão desabrochar e florir. Percebi que não és uma rapariga melindrosa e frívola como aquelas que se bamboleiam pela corte. És inteligente, corajosa, audaz... Os marinheiros que participaram no teu resgate ainda te recordam com admiração! Acolher-te-iam com alegria se decidisses mudar de vida. Serias muito feliz...

— Foi Diogo que te pediu para vires?

Garcia refutou e voltou:

— Ele tencionava procurar-te antes de partirmos, mas a minha ida à corte estorvou-lhe os planos. Por isso, quando saí de Leiria resolvi tomar a iniciativa de elucidar-te. Imaginei que seria mais fácil para ti... E confesso que também receei pela segurança de Diogo, se a guarda do teu marido o apanhasse! Porque vacilas, Constance? Nada te prende aqui! Vai buscar a menina!

— Não posso — ofegou ela, num ímpeto agoniado. — Jurei pela minha honra...

— Para onde vamos, ninguém questionará a tua honra! Também não sofrerás provações, se é isso que te inibe. Diogo vive bem... Muito bem! Não faltará nada a Leonor...

— Viriato não merece que o abandone — atalhou a jovem, com as lágrimas a escorrerem em cascata pelo rosto. — Sempre me tratou bem... Definharia de vergonha com a minha traição! E morreria de dor se perdesse Leonor... Ele adora-a! — Subitamente, levantou-se do canapé e esticou o braço para a porta do salão, implorando: — Por favor, vai-te embora! Agradeço-te

por tudo, mas não posso fugir... O que vivi com Diogo foi um sonho bom. Porém, como todos os sonhos, desvaneceu-se quando a realidade se impôs.

— Recordas-te da história que, há pouco, contaste à tua filha? — inquiriu Garcia, num tom que a enregelou. — De quando aventaste que, talvez, o capitão tenha encontrado uma sereia? Esta pode ser a tua última oportunidade...

— Diogo tem outra mulher? — cortou Constance, lívida e hirta, como se lhe tivessem enterrado uma lança no peito. — É isso que estás a tentar dizer-me, não é?

Garcia passou a mão pela testa e suspirou, antes de ripostar:

— Diogo não «tem» outra mulher... Todavia, «existe» uma mulher! Alguém que só espera que ele lhe faça sinal para segui-lo até ao fim do mundo. Alguém capaz de derrubar montanhas para conquistá-lo. Alguém com o teu espírito... Mas que não és tu! Até ao presente, Diogo resistiu-lhe, acalentando a esperança de que decidisses ficar ao seu lado. No entanto, se o repudiarres uma segunda vez, acabará por desistir de ti! Estás a ouvir, Constance? — insistiu, ao vê-la embrenhar-se novamente numa luta sem tréguas para combater o choro. — Não permitas que outra tome o teu lugar... Que se aposses do que é teu!

— Diogo não é meu — contestou a jovem, enchendo o peito e assumindo uma pose altiva, embora a dor a dilacerasse. — Não vou quebrar os votos que fiz... E ele tem o direito de ser feliz! Por isso, se essa mulher o ama de verdade, peço-te que lhe dês o mesmo afeto que me darias.

Nuno Garcia estacou a fixá-la, aturdido. Demorou a assimilar o que ela firmara, mas, por fim, sacudiu os ombros e esboçou um gesto de impotência, rendendo-se:

— Muito bem... Se é essa a tua vontade, nada mais posso fazer!

Constance obrigou-se a manter a postura, enquanto asseverava:

— É a minha vontade. Se Diogo te perguntar, diz-lhe que sou feliz aqui.

Garcia soprou o ar, plenamente convicto de que ela estava a mentir. Todavia, esgotara os argumentos para contrariá-la. Acabou por prender-lhe o olhar e acrescentou:

— Se teimas em continuar com Gonçalves Vaz, promete-me que terás cuidado! Enquanto estive na corte, vi-o próximo de Tomás Rebelo... Demasiado próximo! Sempre que aquele bastardo se abeira de um homem de boa-fé, desgraças eclodem. Tomás Rebelo é extremamente perigoso! Um facínora da pior espécie! Se tens alguma influência sobre a vontade do teu marido, não permitas que aquele celerado entre na tua casa e se sente à tua mesa. Principalmente, mantém-no longe da tua filha! Se ele descobre...

— Não precisas de te inquietar — interrompeu Constance, arrepiada. — Agora que estou avisada acerca da sua índole, não admitirei que se aproxime de mim nem de Leonor. — Engoliu com força para desfazer o nó que se formava na garganta, antes de abordar o assunto espinhoso que tinha de ficar definido: — Há algo que devo pedir-te. Se me queres bem, não contes nada ao Diogo acerca de...

A voz faltou-lhe, embargada de emoção. Nem queria imaginar o que aconteceria se Diogo exigisse ver Leonor. Apesar de não ter completado o rogo, Garcia entendeu-a e volveu:

— Ainda que não mo tivesses solicitado, não tencionava fazê-lo... Se decidiste libertar-te do passado, Diogo tem o mesmo direito! Talvez, um dia, ele descubra a verdade e me condene por ter guardado segredo. No entanto, prefiro enfrentar a sua raiva a vê-lo morto às mãos da guarda de Gonçalves Vaz!

Constance abanou a cabeça em assentimento, mas a contusão fê-la desviar o olhar. Apesar de tudo, achara que Garcia reclamaria... A pronta anuência à sua súplica como que tornava a sua separação de Diogo concreta e definitiva. Pensar que nunca mais o veria dilacerava-lhe o coração... Mas era o melhor para todos!

— Uma última coisa... — aditou Garcia. E, para surpresa da jovem, soltou um assobio longo e fino, quase inaudível aos ouvidos, mas que ressoava dentro da cabeça.

Em resposta, o mestre de armas de Gonçalves Vaz entrou no salão, vestido a preceito com o uniforme da guarda, deixando Constance empedernida de susto. O homem chamava-se José, mas, decerto, não fora esse o nome que a mãe lhe atribuíra no berço. Era um autêntico gigante, bastante musculado, mas, simultaneamente, flexível e ágil. A sua pele, preta como o car-

vão, facilmente se fundia com as sombras da noite, até porque tinha o crânio rapado e o rosto barbeado. Os seus olhos castanho-escuros eram muito francos e exibia dentes tão brancos que fariam a Lua corar de vergonha.

De imediato, as estranhas ocorrências dessa noite fustigaram a mente da jovem. José era casado com Zefa, uma bonita rapariga de pele dourada que fora destacada para servi-la mal chegara ao palacete. Na altura, a criada estava grávida e, quando a barriga de Constance principiara a crescer, as duas tinham-se tornado extremamente próximas. Hoje, Zefa era sua confidente e melhor amiga. Fora ela que, há pouco, a chamara ao salão... Agora, tudo se encaixava como as peças de um quebra-cabeças, enquanto Garcia anunciava:

— A minha visita chegou ao termo, Constance. Porém, não posso partir sem te dar esta indicação. Há alguns anos, precisei de manter o teu marido debaixo de olho, com o propósito de averiguar a sua lealdade à coroa. Para tal, solicitei ao meu fiel amigo José que aceitasse a missão de espia-lo. José é um homem de muitas habilidades, algumas das quais já testemunhaste. Não foi difícil arranjar para que Gonçalves Vaz o comprasse a um mercador de escravos, sem desconfiar que eu estava por detrás do embuste. No fim, as questões que me suscitavam dúvidas foram ultrapassadas... Porém, quando chamei José de volta ao meu serviço, ele pediu-me que o dispensasse. Conhecera uma jovem no palacete e, por sua causa, desejava deixar o corso⁷, assentar e constituir família. Foi assim que eu perdi José para Zefa.

Os homens trocaram um sorriso cúmplice, debaixo do olhar aturdido de Constance. Depois, José fixou-a com o seu ar de estátua inderrubável e Garcia prosseguiu:

— Quando decidiste tornar-te senhora desta casa, intuí que tudo acontece por uma causa. Deste então, José e Zefa têm zelado por ti. Podes confiar incondicionalmente neles...

⁷ Investida de navios particulares contra navios mercantes de um país inimigo para apreenderem mercadorias. Embora já fosse praticado em Portugal, de modo sistemático e com elevados lucros para a coroa, o corso só viria a ser legalizado em 1455, por el-rei Dom Afonso V.

— É verdade, senhora — interferiu José, inclinando a cabeça.
— Juro-vos que tanto eu como Zefa morreremos mil vezes antes de admitir que alguém toque num fio do vosso cabelo!

Garcia dirigiu-se a Constance, segurou-a pelos ombros e concluiu:

— Estou a desvendar-te este segredo para que tenhas consciência de que não ficarás sozinha. José e Zefa hão de proteger-te e à pequena Leonor... E, se algo suceder, seja o que for, que te compila a apelar à minha ajuda, José saberá o que fazer para me encontrar.

Dito isso, levou as mãos ao pescoço e puxou pelo fio que guardava dentro da camisa, do qual pendia um medalhão bastante original que suscitava o encanto de Constance. Era formado a partir de uma linha de cobre que se entrelaçava em si própria, compondo nós sobre nós que se multiplicavam perfeita e harmoniosamente, sem que se distinguisse o seu princípio nem o seu fim. Todavia, não obstante a beleza do enfeite, Garcia raramente o mostrava... Na verdade, ela só o vira a usá-lo na viagem do seu resgate. Na corte, decerto mantinha-o oculto por baixo das vestes. E a razão por que o fazia ficou esclarecida quando o exibiu, declarando solenemente:

— Este medalhão foi-me entregue por uma senhora muito especial... Significa tudo para mim! Sei que os teus pais eram cristãos devotos e te educaram com esmero, por isso é natural que não reconheças que representa um dos símbolos mais sagrados do povo celta: um *Nó Eterno*. — Fez uma pausa, como se hesitasse no que dizer a seguir. E o seu tom tornou-se cavo ao continuar: — Quer acredites ou não em magia, asseguro-te que é muito mais do que um adorno... É um amuleto que já me preservou da morte! — Então, colocou-o dentro da mão da jovem, fechou-lhe os dedos e rematou: — Agora que te expliquei as suas virtudes, quero que o guardes com carinho e o ofereças a Leonor, logo que ela tenha idade para compreender o seu significado.

— Não — protestou Constance, aturdida. — Agradeço, mas não devo aceitar... Não podes separar-te de uma joia que é tão importante para ti!

— Posso — contrapôs o visitante, sorrindo com meiguice.
— Não irei necessitar da sua proteção na nova vida que escolhi. Além disso, se o amuleto estiver com Leonor, o meu coração ficará confortado com a ideia de que a semente daqueles a quem amo como se fossem meus filhos possui uma recordação minha, ainda que nunca venha a conhecer-me. Só uma coisa... Mantém-no bem resguardado do olhar dos vossos inimigos. Percebeste?

— Garcia... — titubeou a jovem, estrangulada pelas lágrimas. Contudo, ele atalhou:

— Adeus, minha querida. Sê feliz!

Num ímpeto, puxou-a para si e esmagou os lábios contra a sua testa. Depois, afastou-se rapidamente e saiu do salão, seguido por José, antes que Constance fosse capaz de detê-lo.